

Atitudes face ao Lobo Ibérico Attitudes towards the Iberian wolf

Ricardo Ramos

Departamento de Ciências da Natureza IPB

ricardo.ramos@ipb.pt

Susana Santos

Instituto Politécnico de Bragança

susanaafonsosantos@gmail.com

Dora Lagoaça

Instituto Politécnico de Bragança

doraccl-89@gmail.com

Resumo

O Lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*) é classificado como "Em Perigo" em Portugal. Estima-se que existam em Portugal menos de 300 lobos. Os principais fatores responsáveis pela regressão desta subespécie nos últimos séculos foram a perseguição direta movida pelo Homem, a redução das populações de ungulados selvagens e a destruição e fragmentação do habitat. É importante compreender como as comunidades locais conhecem e entendem o comportamento deste animal. Sendo que estas acabam por vezes por partilhar o mesmo habitat. O estudo de comportamento deste animal tem sido relevante, para arranjar soluções que visem tentar solucionar a diminuição da sua população e que permitam melhorar as condições de vida dos animais. O presente estudo tem uma natureza exploratória e visa compreender as atitudes dos pastores da região de Bragança, assim como dos alunos da ESEB, face às medidas de conservação adotadas para a subespécie *Canis lupus signatus*. Para o efeito, elaborou-se um questionário - que foi aplicado aos dois grupos referidos (N previsto = 51) - e posteriormente utilizou-se uma folha de cálculo Excel para auxiliar nas análises estatísticas

Palavras-chave: lobo-ibérico, atitudes, região de Bragança, pastores

Abstract

The Iberian wolf (*Canis lupus signatus*) is an endangered subspecies, in Portugal. It is estimated that there are less than 300 wolves in Portugal. The main factors responsible for the regression of this species in the last centuries were the direct persecution moved by Man, the reduction of the populations of wild ungulates and the destruction and fragmentation of the habitat. It is important to understand how local communities know and understand an animal's behavior. These end up being inserted in the same habitat as the latter. The study of animal behavior has been relevant in seeking to improve conditions for animals. The present study has an exploratory nature and aims to understand the attitudes of the shepherds in the Bragança region, as well as the students of the ESEB, towards the existence of conservation of this subspecies *Canis lupus signatus*. For this purpose, a questionnaire was prepared - consisting essentially of an attitude scale - which will be submitted to the two groups mentioned (expected N = 51). The analysis of the data will be fundamentally quantitative and will allow exploring the similarities and significant differences in the attitudes in question.

Keywords: Iberian wolf, attitudes, Bragança region, shepherds

Introdução

Nenhum outro animal possui a carga histórica e mítica do lobo. Admirado e adorado por uns, temido e odiado por outros, objeto de fantasias e medos irracionais que ainda pioram a sua

imagem. Assim é o lobo-ibérico, o maior predador e um dos animais mais perseguidos e incompreendidos de Portugal. Ameaçado pela perseguição humana: esta é motivada pelo desejo de impedir ataques ao gado, por ignorância ou medo, e pelo receio dos caçadores de que o lobo reduza a quantidade de exemplares de espécies cinegéticas. O papel que o lobo desempenha como predador de topo assume várias formas. Ele reduz o número das suas presas silvestres e diminui de forma natural a ocorrência de doenças nas espécies de que se alimenta, dado que tem mais facilidade em caçar os exemplares débeis ou doentes. Ao consumir javalis e veados, reduz os prejuízos que estes causam nas culturas agrícolas e florestais e evita que transmitam ao gado doenças como a tuberculose e a brucelose. Além disso, como superpredador que é, diminui os números de outros carnívoros, como a raposa, a geneta, o texugo ou a fuinha, minimizando assim o impacto destes nos animais domésticos e na caça. Sabe-se, por estudos feitos sobre a sua alimentação, que os cães vadios – ou assilvestrados –. Nas áreas em que o lobo deixou de ter uma presença regular, há tendência para um aumento demográfico de várias espécies de predadores de médio porte. Também o número de cães vadios tende a aumentar em zonas onde a população lupina é reduzida ou inexistente, tendendo aqueles a ocupar o lugar do lobo e causando prejuízos muito avultados no gado, que não são compensados pelo Estado. Ao protegermos o lobo, sendo este um predador de topo, estamos a proteger todo um grupo de espécies da fauna e flora (como os ungulados silvestres de que o lobo se alimenta ou os bosques de carvalhos onde muitos animais se refugiam) que com ele partilham o ecossistema. Conservamos assim o património natural associado a esta espécie; uma riqueza que é nossa e que devemos salvaguardar para as gerações futuras. Durante séculos o lobo desfrutou, em toda a Península Ibérica, de condições perfeitas para a sua sobrevivência. Há muita informação escrita sobre a presença constante de lobos em todo o território nacional ao longo do século XIX, em números bastante elevados quando comparados com os atuais. No final daquele século começou o desaparecimento do lobo de algumas regiões e a diminuição dos seus efetivos populacionais.

A situação agravou-se com a diminuição das presas naturais do lobo. Quanto mais se praticava a caça, menos alimento tinham os lobos. A falta de presas naturais foi um fator determinante também na perseguição do animal, que acabava por ter de se alimentar de gado. (Fonseca, 2016)

O aumento dos prejuízos com as perdas de gado levou, durante anos, ao constante descontentamento dos criadores, em várias partes do país. A lei dita que, nestas situações, os proprietários do gado devem ser indemnizados, mas a realidade é que isso raramente acontece.

Então, como forma de resolver o problema, os criadores são obrigados a regressar aos antigos métodos da perseguição e do abate ilegal.

Nas últimas décadas foram tomadas medidas para preservar o lobo-ibérico. Em 1988 passou a ser uma espécie protegida por lei em Portugal e em 2005 foi classificado com o estatuto de Em Perigo .(Custódio, 2021)

Enquadramento Teórico

A região de Bragança é um território que permitiu, e ainda permite, condições para a preservação do lobo-ibérico, “desde as serras da Coroa, Montesinho e Nogueira, até aos planaltos de Miranda do Douro e de Mogadouro, e grande parte do vale do rio Sabor e suas áreas adjacentes” (Nunes, 2000, p. 4).

O lobo é um animal bastante antigo, como referem Aguiar e Pinto (2007), a domesticação do cão terá acontecido no paleolítico a partir do lobo. No entanto, o lobo com animal selvagem, continuou e continua a partilhar o mesmo habitat com humanos.

Em Portugal o estudo do Lobo tem-se desenvolvido muito devido à existência do Grupo Lobo, uma associação não governamental sem fins lucrativos. No entanto a população deste mamífero tem sofrido uma grande diminuição (Carreira & Petrucci-Fonseca, 2000) . Segundo os censos de 2002/2003, poderia existir no distrito de Bragança a presença de lobos a integrar 20 alcateias (ICNF, 2003).

A diminuição de exemplares da espécie deve-se, em grande parte, à perseguição direta do homem, que aumentou nos anos 70 devido à comercialização de armas de fogo. “O acesso generalizado às armas de fogo como complemento de outras formas de extermínio já em prática (venenos, armadilhas, laços), a construção de novas redes viárias, a destruição de habitat e a progressiva humanização de muitas áreas do interior, acentuaram consideravelmente a pressão sobre o lobo” (Nunes, 2000, p. 2).

As lendas e histórias associadas ao lobo descreviam-no como sendo um animal cruel e, por isso, a população nunca se sentiu confortável com a sua presença; assim sendo apelar à conservação era difícil, e a maior parte das vezes as populações locais não aderiam e até incitavam os investigadores a matar o animal. “Na conservação dos grandes carnívoros silvestres, nomeadamente o lobo, o envolvimento das populações locais é crucial, uma vez que os predadores são muitas vezes símbolos de conflitos socioeconómicos, o que fundamenta a crença generalizada no meio rural de que a presença destes animais só possui desvantagens” (Mech & Boitani, 2003 citado por Álvares, 2006, p. 1).

O lobo é um animal de topo na cadeia trófica e, por isso, controla as outras populações selvagens, o que neste momento não acontece, contribuindo para o grande aumento de ungulados silvestres, principalmente do javali. Como refere Álvares (2006, p. 2), a predação feita pelo lobo previne a propagação de doenças e a sobrevivência de indivíduos reprodutores menos aptos, pois este alimenta-se preferencialmente de animais fracos, idosos ou doentes.

Apesar de todos os trabalhos de investigação e consciencialização das populações realizados ao longo dos anos, queremos perceber se isso teve algum impacto na comunidade de pastores das regiões da Serra da Coroa e Montesinho, e compreender se os alunos do ensino superior têm uma mentalidade mais aberta e com sentido de conservação relativamente ao lobo. Assim sendo, o problema definido para esta investigação foi: Quais as perceções e as atitudes dos pastores face ao lobo-ibérico? A sociedade possuiu uma visão predominantemente antropocêntrica acerca do lobo, devido à qual perseguem a espécie. Neste momento, o lobo-ibérico – *Canis lupus signatus* – tem estatuto de conservação “em perigo”, de acordo com o Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (ICNF, 2008).

Método

Elaboramos as seguintes questões de investigação para recolher dados sobre as perceções e atitudes dos pastores e dos alunos face ao lobo:

- Qual o conhecimento da população de pastores sobre o estatuto de conservação do lobo-ibérico?
- O que leva a que o lobo tenha o estatuto de conservação “em perigo”;
- Estará a população estudantil e pastores sensibilizada para a conservação das espécies, neste caso o lobo?

Para esta investigação escolheu-se a metodologia quantitativa, pois permite medir as opiniões, reações, sensações, hábitos e atitudes, através de uma amostra. Os principais instrumentos utilizados para a recolha de dados foram: questionários estruturados com questões fechadas, constituindo uma escala de Likert (Reis, 2010), com 5 níveis de resposta, entre 1 (1) e 5 (5).

Escolheu-se esta técnica porque é uma forma de recolher informação acerca de comportamentos, experiências passadas, motivações, crenças, valores e atitudes (Foddy, 2002). O tratamento de dados foi executado com recurso a instrumentos como a folha de cálculo (Excel).

Participantes

Os sujeitos neste estudo foram alunos da Escola Superior de Educação de Bragança, e pastores da região de Bragança e Vinhais.

O número de participantes foi 51.

O modelo de amostra escolhido classifica-se como não probabilístico intencional. Este tipo de amostra possuiu a mesma igualdade de ser selecionada e baseia-se nas características que o investigador quer investigar.

Através da análise da tabela 1 verifica-se que a investigação abrange inquiridos de vários distritos e da Região Autónoma dos Açores (esta situação deve-se ao fato de um grupo de inquiridos serem estudantes).

Tabela 1: Distribuição da amostra, distrito e ocupação;

Ocupação	Distrito	Número
Pastores	Bragança	19
Alunos	Vila Real	9
	Alijó	1
	Aveiro	1
	Beja	1
	Guarda	1
	Lisboa	1
	Braga	11
	Porto	6
	Bragança	1
Total distritos	10	
Total Pastores/ Alunos		19 / 32

Procedimento

Foi realizado um pré-teste a cinco elementos, alunos, de forma a percebermos se o instrumento era de fácil leitura e recolhermos contributos para ajustar a redação dos itens.

Esta investigação, nomeadamente no caso dos pastores, foi realizada durante a época de tosquia, durante a qual os pastores se juntaram para fazer a tosquia de um rebanho de ovelhas. No caso dos estudantes, foi realizada na Escola Superior de Educação de Bragança em contexto de sala de aula.

Vale ainda ressaltar que nestas investigações foram respeitados diversos princípios éticos. Foi tida em consideração a utilidade do estudo para a sociedade e a sua aceitação. Foram respeitados os direitos dos intervenientes, mantendo-os informados sobre todos os aspetos que englobam o estudo (finalidades, natureza do estudo, voluntariedade para participar,

confidencialidade). Ao longo da investigação, foi mantida a neutralidade do investigador e houve sempre respeito e justiça para com o sujeito em estudo. Os participantes foram de igual modo informados que poderiam desistir a qualquer momento do estudo, recusar responder a alguma questão que lhes causasse constrangimento de qualquer natureza, que a sua identidade, como já referido, não seria revelada e que, no caso de desejar, seria informado dos resultados obtidos, independentemente de deixar ou não de participar no mesmo.

Análise de dados

Antes da análise estatística foi feita uma caracterização da amostra através da variável ocupação, pois deste modo é possível uma discussão mais aprofundada sobre o contexto social.

Perceções sobre o estatuto de conservação do lobo

As opções de resposta, mutuamente exclusivas, à pergunta 1 - Qual o estatuto de conservação do lobo em Portugal? – eram seis: pouco preocupante; quase ameaçado; vulnerável; extinto; não sei mas gostava de saber; é-me indiferente. Tratou-se de averiguar o conhecimento dos pastores e alunos acerca do estatuto de conservação, como poderemos ver nas Figuras 1 e 2, uma referentes aos alunos e outra aos pastores.

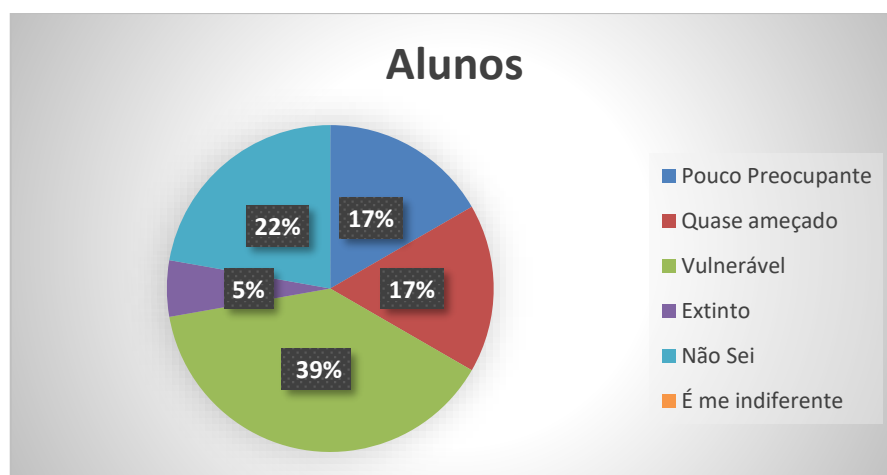


Figura 1. Estatuto de conservação do lobo em Portugal (alunos)

Nesta questão, a grande maioria dos alunos respondeu que o estatuto de conservação do lobo-ibérico seria “Vulnerável” (39%), e “Quase Ameaçado” (17%). Merece ainda realçar que 17% dos inquiridos respondeu “Pouco preocupante”, e 22% respondeu “Não sei”, demonstrando, assim, um total desconhecimento sobre o estatuto de conservação desta subespécie.

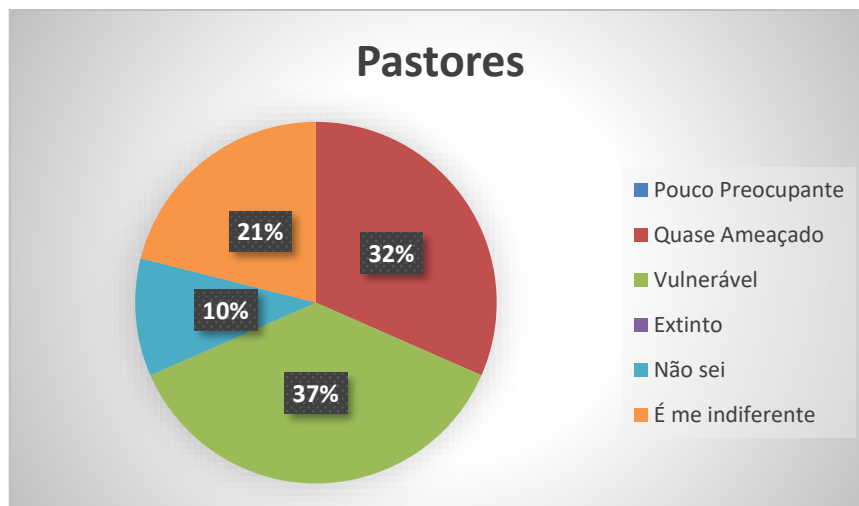


Figura 2. Qual o estatuto de conservação do lobo em Portugal (pastores)

Do grupo de pastores, destaca-se que a maioria respondeu “Vulnerável” (37%) e “Quase ameaçado” (32%). Houve ainda 21% de inquiridos que responderam “É me indiferente”, mostrando indiferença pelo estatuto de conservação deste animal.

Analisando a diferença entre os dois grupos (pastores e alunos), nota-se que uma percentagem elevada de alunos tem desconhecimento, mas que, por outro lado, não se sentem indiferentes à problemática, ao contrário dos pastores, em que uma percentagem elevada (21%) respondeu “É me indiferente”, o que pode dever-se ao facto de já terem tido prejuízo nos seus rebanhos, por parte de ataques de lobo.

Atualmente, segundo o Grupo Lobo, o estatuto do Lobo na Península Ibérica é “Quase Ameaçado” (NT) e em Portugal “Em Perigo” (EN) (Grupo Lobo, 2016).

Perceções acerca das causas que afetam o estatuto de conservação do lobo

As opções de resposta à pergunta 2 - Principais motivos para o lobo apresentar este estatuto?

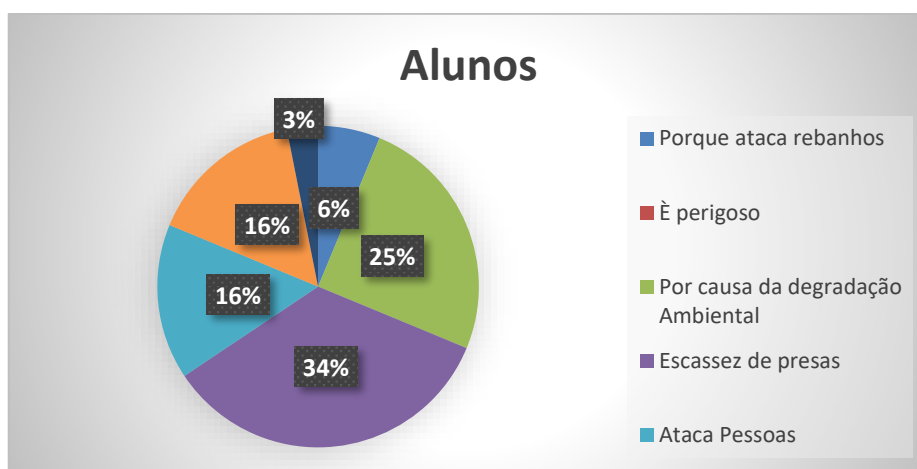


Figura3: Principais motivos para o lobo apresentar este estatuto.

Nesta questão, um número elevado de alunos respondeu que o estatuto de conservação do lobo-ibérico se devia ao facto de o habitat apresentar “Escassez de presas” (34%) e “Por causa da degradação Ambiental” (25%). Vale a pena realçar que 16% dos inquiridos respondeu “Não sei” e outros 16% respondeu que “Ataca pessoas”. Contudo, esta questão pode ser algo limitativa, pois não foi considerada a região de onde provêm os alunos. Como constatamos em alguns estudos (Ribeiro, 2015), os fatores sociodemográficos (como a idade, o género, e o local de habitação) ou outros fatores relacionados com a experiência dos alunos com o lobo (avistamento ou não da espécie e interesse sobre o tema) poderão ter influência nos níveis de conhecimento e nas atitudes. No entanto, apesar da limitação ressalvada, não deixa de ser interessante, sendo que podemos encontrar alguns padrões.

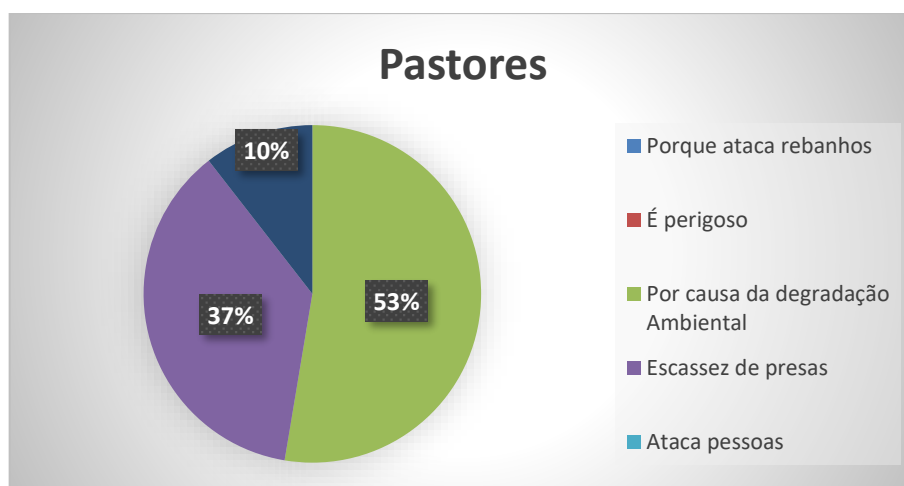


Figura 4 : Principais motivos para o lobo apresentar este estatuto.

No que toca ao grupo de pastores, com 19 respondentes, as respostas recaíram sobretudo apenas em três opções de resposta. A maioria respondeu que o estatuto de conservação atual é “Por causa da degradação ambiental” (53%), logo seguido pela “Escassez de presas” (37%) e, por fim, “É me indiferente” (10%). Neste grupo ressaltamos que pode haver uma maior percepção em relação aos motivos pelos quais o lobo apresenta este estatuto, mas não podemos deixar de fazer um reparo pelos 10% que respondeu “É me indiferente”, mostrando uma atitude pouco ambientalista ou desinteresse pela conservação da espécie. Como já dissemos anteriormente, estes 10% podem ser referentes a pastores que tiveram prejuízo com ataques de lobo.

Percepções acerca da rivalidade entre Homem e Lobo

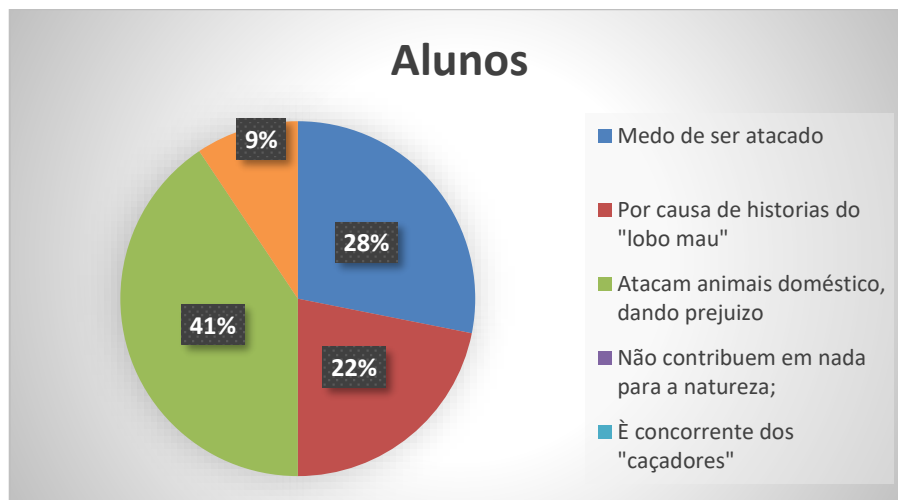


Figura 5: Principais motivos da rivalidade homem vs Lobo (alunos).

Nesta questão, a maioria dos alunos respondeu que as rivalidades Homem vs Lobo se deviam ao facto deste animal atacar animais domésticos (41%), embora os ataques de lobos a rebanhos tenham diminuído nos últimos cinco anos em Portugal. Segundo o AgroPortal, entre 2015 e 2019 baixaram de 3328 para 3200. As descidas mais acentuadas foram entre 2017, com 1803 ataques validados, 2018, em que esse número baixou para 690, e 2019, em que se situou nos 382. No distrito de Bragança, em cinco anos, foram validados 235 ataques de lobos. Em 2019 foram considerados 12 ataques. Em cinco anos, o ICNF pagou cerca de 1,7 milhões de euros em compensações por prejuízos causados pelos lobos a nível nacional (ICNF, 2016).

A resposta que apresentou uma percentagem de incidência a seguir foi “Medo de ser atacado” (28%). Vale aqui dizer que registros confirmados de ataques de lobos a pessoas são muito raros, especialmente nos tempos modernos, e o risco de ser atacado por um lobo na Europa é extremamente baixo. Em 2002, a Large Carnivore Initiative for Europe e o Norwegian Institute for Nature Research publicaram um relatório intitulado “O medo dos lobos: uma revisão dos ataques dos lobos aos humanos” (Linnell, Andersen, & Blanco, 2002). Existem apenas alguns relatos históricos, mas que raramente foram investigados de forma adequada. Mesmo que tenham existido ataques, esses podem ter sido praticados por cães selvagens. Outrora, nos campos de batalha, o lobo, sendo necrófago, alimentava-se dos cadáveres dos soldados que tombavam em batalha, visão que pode ter contribuído para criar a história do lobo atacar pessoas.

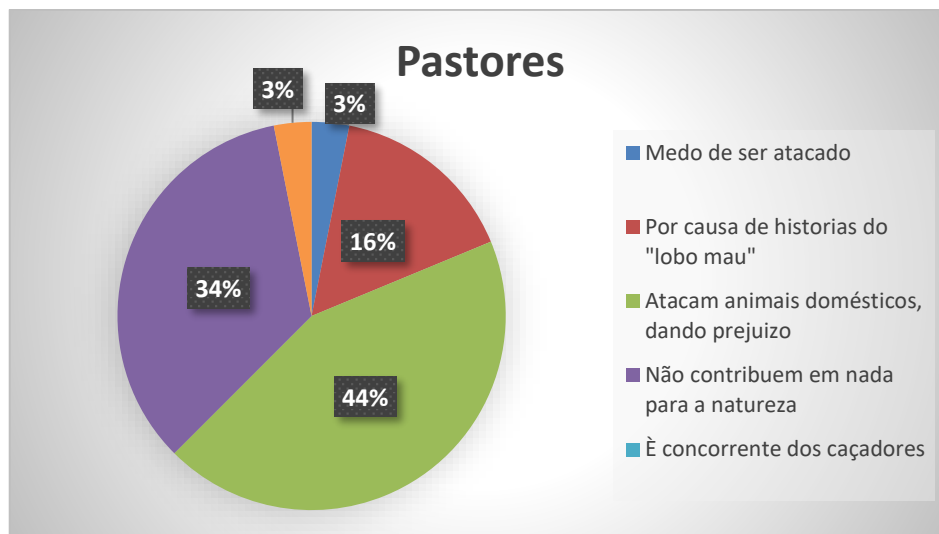


Figura 6: Principais motivos da rivalidade homem vs Lobo (pastores).

No grupo de pastores, a resposta com maior taxa de incidência foi “Atacam animais domésticos” (44%). Ao contrário dos alunos, os pastores desconsideram mais o facto de poder ser atacado por um lobo, pois representa apenas 3% das respostas. O contacto com o animal pode contribuir para um maior conhecimento relativamente a esta questão, ao contrário do que se verifica no grupo de estudantes. Vale realçar a opção “Não contribuem em nada para a natureza”, a qual representa 34% do total de respostas, denotando falta de literacia em relação à dinâmica dos ecossistemas. Um caso clássico, do contributo do lobo para o ecossistema, é o exemplo do Parque de Yellow Stone, no qual, depois da reintrodução do lobo, a vegetação arbustiva expandiu-se, pois o número de herbívoros diminuiu, e outros animais necrófagos, como abutres e águias, puderam prosperar, assim como castores, ratos e coelhos, devido ao facto do lobo ter controlado a população de coiotes (Farquhar, 2020).

Merece destaque, ainda, os 16% dos inquiridos que responderam por influência de histórias como a do lobo mau. Tal como aconteceu no grupo de estudantes, consideramos que é uma percentagem significativa. O conflito existente entre o Homem e o lobo tem fortes raízes, com origem sobretudo a partir do período medieval, altura em que o lobo começa a possuir a conotação de animal maligno, devorador de homens, mulheres e crianças. As causas desta atitude parecem ter origem, fundamentalmente, na Igreja Católica, a qual utilizava o lobo como símbolo satânico, ou o animal que punha em causa "o rebanho de Deus". No que toca às famosas histórias do "lobo mau", estas podem ter surgido nessa época, aliado ao facto de ser um animal de hábitos noturnos ou crepusculares. Certamente por viver em grupo, por emitir sons característicos – os uivos – e por ser descrito em termos morfológicos como um animal

feroz, foi sendo associado a tantos contos e mitos que se foram propagando ao longo dos séculos. Contudo, na verdade, os lobos receiam o Homem, que desde sempre os perseguiu. Os ataques a seres humanos perdem-se na névoa dos tempos, sendo maioritariamente atribuídos a lobos doentes. Atualmente, temos mais a recear de cães do que de lobos (Grupo Lobo, 2017).

Perceções da conservação do Lobo em território nacional.

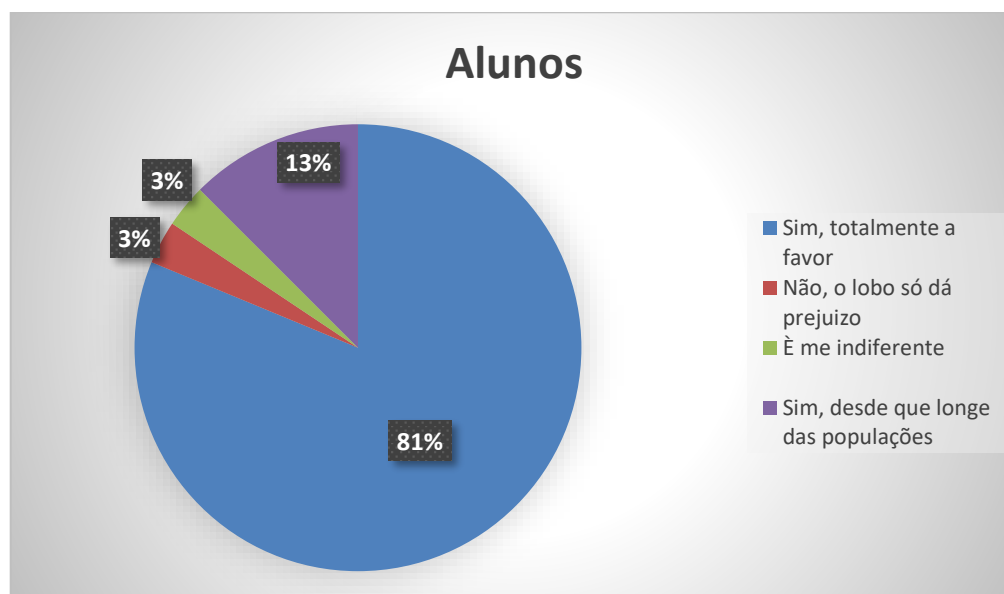


Figura 7: A favor da conservação do lobo em Território Nacional (alunos).

Nesta questão, grande parte dos alunos (81%) mostra concordar com a conservação do lobo em Portugal, o que pode ser salientado como positivo, pois mostra que existe uma preocupação com o bem-estar destes animais. Foi possível verificar que os alunos são a favor da existência do lobo, mas que uma percentagem de 13% tem medo encontrar um lobo, daí responderem “Sim, sou a favor da conservação, desde que longe das populações”. Concordamos com Ribeiro (2015) quando refere que isto pode estar associado ao facto de que estes alunos acreditam nas histórias que retratam o “lobo mau” que ataca pessoas. Houve ainda 3% de alunos que se mostraram indiferentes, e outros 3% que responderam que “O lobo só dá prejuízo”. Para estes últimos resultados, não podemos apresentar uma opinião fundamentada, por causa da limitação do estudo, que não averiguou o local de residência destes inquiridos, como aconteceu em outros estudos (Bjerke et al., 1998). Este estudo refere que normalmente estas atitudes são tendências de residentes de montanha, que têm ou tiveram contacto com o lobo. Mas vale sempre ressaltar que, muitas vezes, como seria de esperar, alunos residentes em zonas de montanha rural tiveram uma maior número de avistamentos de lobo na natureza, ao contrário dos alunos residentes em

zonas mais urbanizadas. Contudo, o baixo número de lobos que vive na região e a natureza esquiva da espécie, pode indicar que parte dos supostos avistamentos na natureza correspondam ao avistamento de outros animais, como cães ou raposas, acreditando que estariam a ver lobos.

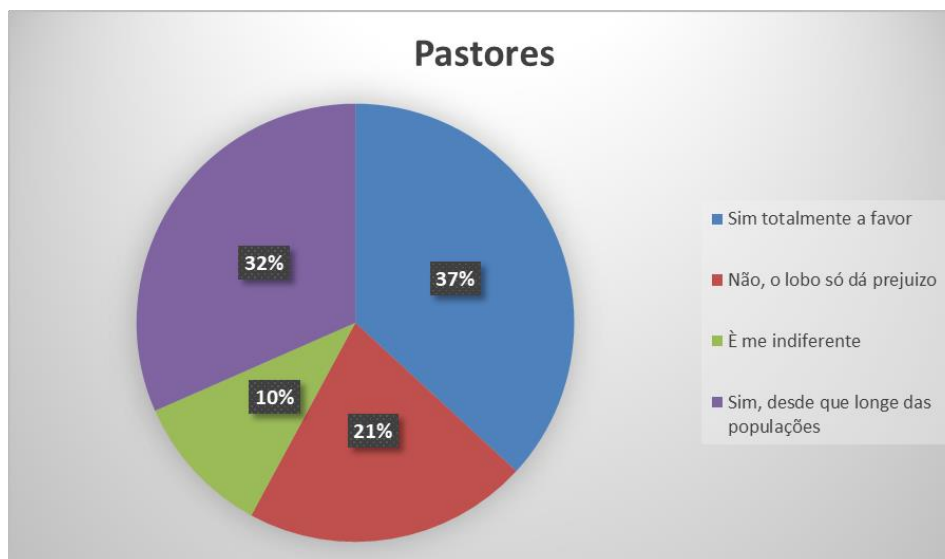


Figura 8: A favor da conservação do lobo em Território Nacional (pastores).

Nesta questão, no que toca ao grupo de pastores, realçamos os 37% que responderam que são a favor da conservação do lobo. No entanto, devemos abordar estas respostas com alguma cautela, pois pode haver uma espécie de desejabilidade social, ou seja, que possam ter respondido de acordo com o que socialmente é o mais bem aceite. Outra grande fatia do grupo de pastores respondeu “Não, o lobo só dá prejuízo” (21%), demonstrando uma atitude que vai pouco ao encontro da preocupação que é necessário ter para com este tipo de animal. Por outro lado, contudo, 32% dos inquiridos responderam que o lobo devia ser protegido, desde que ficasse longe das populações. Nesta resposta, considerando que estes pastores guardavam maioritariamente ovelhas, sendo animais domésticos, que pastoreiam, mais perto das populações e urbanizações.

Conclusão

O conflito Homem-Lobo possui sem dúvida uma forte componente cultural que atribuiu, durante séculos, uma imagem negativa ao lobo. Apesar de concordamos, em parte, com Espírito-Santo (2007) que, em Portugal, as atitudes para com o lobo-ibérico e a gestão da sua conservação são geralmente positivas. No entanto sabemos que os conflitos entre pessoas que partilham o mesmo habitat com o lobo existem, pois as suas atitudes e comportamentos nem

sempre são em prol da proteção da espécie, como pudemos ver no caso dos pastores, no que toca a sua baixa literacia em relação ao estatuto de conservação da espécie. Sendo que foi possível ver, nos resultados obtidos, que ainda existe uma atitude negativa, nomeadamente no grupo de pastores, referente a esta espécie. No caso dos estudantes, os mesmos parecem ter uma perceção favorável à conservação da espécie, mas, ainda assim, alguns deles, ainda que em menor número, demonstram que não dominam a literacia referente à espécie, considerando-o inclusive perigoso para a espécie humana.

Apesar do estudo ter tido um número reduzido de inquiridos na constituição das amostras, não deixa, ainda assim, de fornecer algumas informações que poderão ser relevantes para o melhoramento e construção de novos programas que influenciem positivamente as opiniões do público. Sendo que estudos desta natureza se tornam cada vez mais importantes para o desenvolvimento da gestão da vida selvagem e devem, por isso, ser incluídos em todos os projetos de conservação futuros. Seria importante futuramente trabalhar na componente educacional junto das populações locais, de modo a tentar conseguir uma maior aceitação do animal, por parte das mesmas. Concordamos também com Alvarez (2013), no que toca ao aumento dos montantes pagos e à melhoria na rapidez dos pagamentos compensatórios, que seriam muito favoráveis para reduzir as hostilidades referentes a esta espécie. Apesar de esse tema em particular não ter sido abordado no inquérito deste estudo.

Por fim, ressaltamos que os programas de educação devem focar-se na compreensão, na consciencialização e na mudança de comportamentos, mais do que no mero fornecimento de dados informativos sobre a espécie. Espera-se que estes resultados contribuam para o aprofundamento teórico e implementação de novos estudos, e que seja um contributo para a elaboração de programas de Educação Ambiental.

Referências

- Aguiar, C., & Pinto, B. (2007). *Paleo-história e história antiga das florestas de Portugal Continental – Até à idade média*. CIMO.
- AgroPortal (2020). *Ataques de lobos*. <https://www.agroportal.pt/pastor-queixa-se-que-os-lobos-lhe-mataram-cinco-ovelhas-e-feriram-16/>.
- Alvarez, E. (2013). *Prejuízos e conflituosidade social do urso-pardo e do lobo na Península Ibérica*. Dissertação para conclusão do Mestrado. Universidade de Lisboa.

- Álvares, F. (2006). Espécies emblemáticas & desenvolvimento rural: o potencial do lobo-ibérico e da sua identidade na cultura popular. In *Actas das Jornadas sobre Biodiversidade e Mundo Rural: Perspetivas e Estratégias de Conservação da Fauna Selvagem*. Associação ALDEIA/NEBUP.
- Bjerk, T., Reitan, O., & Kellert, S. (1998). *Attitudes toward wolves in southeastern Norway*. *Society & Natural Resources*, 11(2), 169-178. <https://doi.org/10.1080/08941929809381070>
- Carreira, R. S., & Petrucci-Fonseca, F. (2000). *O lobo na região oeste de Trás-os-Montes* (Portugal). *Galemys*, 12, 123-134.
- Custódio, C. (2021). Cinco espécies que lutam pela sobrevivência em Portugal. *Wilder*. Retrieved 5 July 2021, from <https://www.wilder.pt/historias/cinco-especies-que-lutam-pela-sobrevivencia-em-portugal/>.
- Espírito-Santo, C., Bath, A. J., & Petrucci-Fonseca, F. (2000). Public attitudes toward the Iberian wolf: a Portuguese study. in N. Fascione, H. Ridgley, & M. Selden (ed.). *Proceedings and Agenda for Defenders of Wildlife's Carnivores 2000: A Conference on Carnivore Conservation in the 21st Century*. Defenders of Wildlife, Denver, Colorado.
- Foddy, W. (2002). *Como Perguntar: Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*. Oeiras: Celta Editora.
- Fonseca, F. (2016). *O Lobo Ibérico em Portugal*. Grupo Lobo. Retrieved 5 July 2021, from http://grupolobo.pt/images/Documentos/Brochura_MED-WOLF_online.pdf.
- Grupo Lobo (2017). *Histórias & Mitos*. [online] Grupo Lobo. <http://www.grupolobo.pt/historias-mitos>.
- Farquhar, B. (2020). *Wolf reintroduction changes ecosystem in Yellowstone*. <https://www.yellowstonepark.com/things-to-do/wolf-reintroduction-changes-ecosystem>.
- Nunes, M. A. (2000). *O lobo ibérico em Portugal*. *Signatus*, 2, 1-7.
- Linnell, J., Andersen, R., & Blanco, J. (2002). Large carnivore initiative for Europe. Norwegian Institute For Nature Research: *Relatório Wolf Scary*. [online] Trondheim: NINA publikasjoner. Available at: <https://lciepub.nina.no/pdf/> [Accessed 4 January 2021].
- ICNF. (2008). *Livro vermelho dos vertebrados de Portugal*. Assírio & Alvim.
- ICNF. (2003). *Situação populacional do Lobo em Portugal*. Europress.
- ICNF. (2016). *Situação populacional do Lobo em Portugal*. Europress.

Reis, F. (2010). *Como elaborar uma dissertação de mestrado*. Pactor.

Ribeiro, I. (2015). *Aplicação de programas educativos: O caso de estudo do Lobo-ibérico*. Dissertação para conclusão de Mestrado. Universidade de Lisboa.